

**CEEE/Som do Sul**

**Henrique Mann**



**fascículo nº 10**

**Giba Giba**

**Airton Pimentel**



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



**Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann**  
( todos os direitos reservados ).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

**Coordenação Editorial: Mônica Kanitz**

**Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas**

**Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes**

**Transcrição de Partituras: Michel Dorfman**

**Revisão: Dione Detanico Busetti**

**Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga**

**Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico**

**Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto**

**Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga**

**Fotografias das Capas: Nilton Santolin**

**Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais**

**e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga**

**Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago**



**Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcançe Ltda.**

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

[www.editoraalcançe.com.br](http://www.editoraalcançe.com.br) / e-mail: [alcançe@editoraalcançe.com.br](mailto:alcançe@editoraalcançe.com.br)

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeirinha Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



**Q**uando o Henrique Mann convidou-me para falar e escrever sobre o Giba Giba, aceitei. Honrado. Depois, foi ficando difícil cumprir a missão. Como alinhar um texto sobre quem não existe?

O Giba não é gente, é uma entidade. Tem a serenidade de Oxalá, a garra de Ogum e o senso de justiça de Xangô. E batuca nas matas como Oxóssi.

Não é exatamente que o Giba não exista. O Giba ninguém explica ou interpreta. É o que eu queria dizer. Sempre que o vi e ouvi, parecia estar em um ritual. Ele é da Praiana de azul e amarelo, no primeiro dia da primeira verdadeira escola de samba de Porto Alegre. Acho até que ele nem gosta do verde e rosa de agora, apesar do respeito que todos sentimos pelas cores da Mangueira. Mas, como ele mesmo diz, são as cores da Mangueira. A Praiana nasceu pelotense e se pintou do mesmo jeito que o valoroso clube da Boca do Lobo. Era a Praiana do Largo dos Medeiros, fundada pelo Zé Grande, pelo Caloca, Giba Giba e outros mais. Muitos já cantaram e subiram. O Giba ficará para sempre, podem crer. E na cabeça e no coração, de azul e amarelo.

O sopapo do Giba nos transporta às senzalas. Quando ele bate naquele instrumento que só existe nas baterias do samba gaúcho, as correntes se partem, rompem-se os ferros e a gente tem um encontro com a liberdade. Na percussão, ele faz melodia. Ritmo? É pouco para ele. O Giba desenha batendo no couro. E, quando canta, sua afinação é com o batoque, muito mais que com as cordas. Antes que você me acuse de heresias, aceite a sugestão: converse com o Giba, veja-o bater e escute-o cantar. Nunca haverá nada igual. O canto e a ginga deste negro são documentos. Tudo o que ele faz parece oração. Pela paz, pela igualdade, pela negritude liberta.

Minhas primeiras lembranças do Giba vêm do Areal, não o de Pelotas, mas o nosso, o da Baronesa. O que já foi Arraial e as ruas de pedras e de pó forçaram mudar de nome. Praça Garibaldi, Menino Deus e Santana. Eram os caminhos do Giba e de outros negros insuperáveis de nossa terra. Foram os caminhos da minha infância e adolescência.

Na esquina da Miguel Teixeira, um coreto e um despacho. Na Praia de Belas, com o Guaíba inteiro, antes do aterro, oferendas e demandas. Nos ares, o canto da Praiana e o batoque do Giba e do Caloca.

E, descendo a Borges, de branco e pés descalços, enfeitados pelo Cattani, foram campeões de carnaval. E eu me dei conta que o Gilberto era Giba. Mais que um Giba. Giba Giba, isso sim! Um enviado dos orixás. Direto das planuras africanas para Pelotas e Porto Alegre. Sei que é verdade. E não vacilo mais quando o encontro. Cumprimento-o com todo o respeito. Não lhe digo outra coisa, que não seja uma saudação para um santo protetor:

-Caô, Giba Giba, Caô!

Esta página é uma colaboração de **Cláudio Brito** - Jornalista e Carnavalesco



## Cronologia Biográfica: Giba Giba

Gilberto Amaro do Nascimento nasceu em Pelotas, filho de Maria Lucidia Amaro do Nascimento e Juvêncio Cardoso do Nascimento. Foi no dia 6 de dezembro de um ano que ele não revela nem sob tortura. Mas não é por vaidade. Argumenta que sua idade é a idade do negro no Brasil, e que esta particularidade é a última coisa que sobrou do indivíduo depois da burocratização da existência que ele denomina "ditadura do papel". Sob este enfoque, mesmo que tenhamos levantado a data em nossa pesquisa, resolvemos respeitar sua vontade por várias razões; entre elas, justamente reforçar suas palavras. Giba Giba representa realmente o negro gaúcho e brasileiro, não apenas pela pigmentação da epiderme, mas por sua ação cultural, como veremos.



No Cabobu em Pelotas, RS, 2000.

Cresceu na rua Senador Mendonça de sua cidade natal, (cuja população é 40% negra, talvez o índice proporcional mais alto do estado), participando ativamente das festas populares e suas manifestações. Aos oito anos já "preside" um bloco carnavalesco infantil chamado "Meninas Afobadas". Nas casas da vizinhança ocorriam reuniões onde a manifestação artística era uma coisa cotidiana e natural. Tão natural que nem se cogitava em considerar-se aquilo uma "manifestação artística". Ali Giba viu e ouviu músicos que hoje reputa entre os melhores que conheceu na vida.

1949 - *Desculpa Giba, mas é que o calendário do branco-cristão-capitalista-ocidental precisa de datas, coisa de Papa católico e etc...* Muda-se para Porto

Alegre, à rua Joaquim Nabuco. O bairro Cidade Baixa era em tudo muito semelhante ao local onde Giba passara a infância. Ali havia quatro blocos carnavalescos e, através do pai, ele conhece Lupicínio Rodrigues.

1952 - Participa da fundação do bloco carnavalesco "Seresteiros do Luar", cuja sede ficava em sua própria casa.

1960 - Após intensa atuação na vida musical de Porto Alegre, participa, no dia 10 de março, da fundação da primeira escola da cidade, a "Praiana", da qual torna-se o primeiro presidente. Até então, só existiam "grupos" ou "blocos" carnavalescos e tocavam marchinhas e vários gêneros ligados ao carnaval.

A "Praiana" foi a primeira a assumir o nome "Escola de Samba" e especializar-se no gênero. A partir daí, começaria a introduzir um instrumento novo para o samba da capital gaúcha, o "Sopapo". Oriundo da região das charqueadas, este instrumento de percussão está entre o surdo e o maracanã. Giba Giba é mestre em seu uso e foi o seu principal divulgador fora de sua região de origem, mas o primeiro executante na Praiana foi o percussionista Caloca, da turma de Giba.

1962/69 - Entre o samba de carnaval e as casas noturnas, continua a senda de agitador cultural e, entre outras coisas, participa da organização do I Festival Universitário Brasileiro, realizado pela UFRGS. Integra o grupo "Canta Povo", ao lado de Ivaldo Roque, João Palmeiro, Sílvia, Laís e Mutinho.

1970 - Integra o grupo "Uma Mordida na Flor", realizando vários shows.

Com larga atuação na noite, neste ano, Giba toca com seu sopapo no legendário bar Varanda, com feras como Lupicínio, Túlio Piva, Plauto Cruz, Ziláh Machado, Clió e Zé Grande. Giba trabalhou em várias grandes casas noturnas da cidade.

1973 - Giba foi também roteirista, compositor e diretor de vários espetáculos, destacando-se, neste ano, o "Afro-show". Abre sua própria casa noturna, o Giba Giba, na Protásio Alves.

1976 - Roteirista, compositor e diretor do espetáculo com Flávio Oliveira, "O Osso - Uma reflexão", que estréia na Assembléia Legislativa e segue extensa temporada pelo interior.

1977 - Realiza o espetáculo de música e dança "Própolis - Cidade a favor". A proporção da produção é enorme, com 22 bailarinos, mais músicos, técnicos e cenários. Só pôde ser executado na Assembléia Legisla-



Giba Giba com Djalma Correa e Haroldo Costa.

tiva e na PUC, mas causou grande impacto.

**1978** - Realiza o espetáculo "O corredor da esperança", com direção cênica de Ana Maria Taborda, participação de Toneco, Pery Souza e das atrizes-cantoras Soraia e Jane. Estréia na Assembléia Legislativa e segue temporada em vários teatros.

**1980** - Realiza o show "Sobrevivência - ou Secou-lhe o Cérebro", eleito pela crítica o melhor espetáculo do ano em Porto Alegre e apresentado em São Paulo no Teatro Lira Paulistana e outros. Grava *Gauchonia* no LP da Ciranda de Taquara.

**1981** - Inclui a canção *Feitoria* no LP da Ciranda de Taquara, provocando a criação de uma linha de Projeção Folclórica no festival.

**1982** - Realiza dois espetáculos: "Saías Rodando" e "Não Misture", este último apresentado em São Paulo no Teatro Lira Paulistana.

**1983** - Grava *Jantarola e Doceria* no LP da Ciranda de Taquara. Idealiza e preside a comissão do Projeto da Feitoria - Mais de 200 anos da chegada do negro no RS.

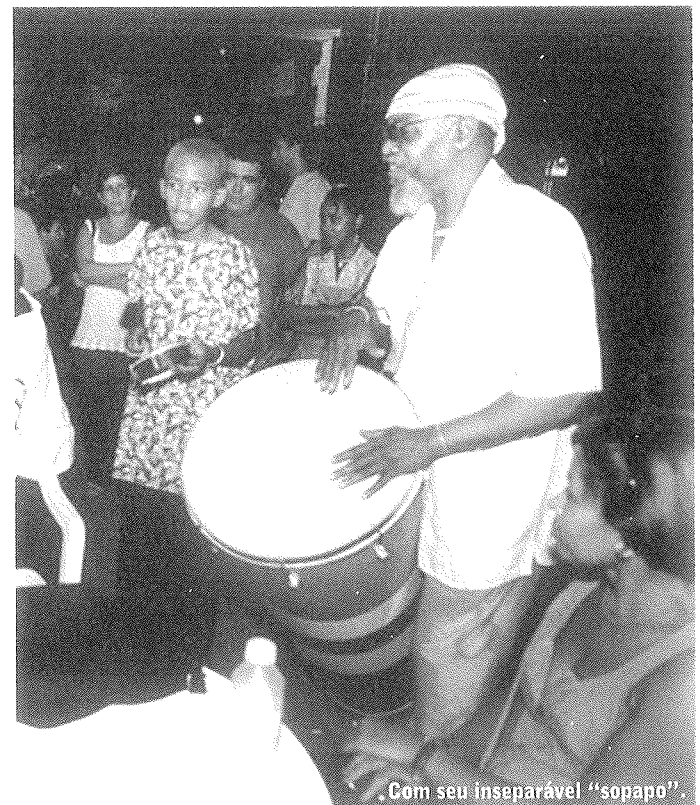
**1984** - Ao lado do grupo paulista "Premeditando o Breque", realiza o show de abertura do Projeto do Departamento de Parques e Áreas Verdes da Prefeitura de São Paulo, no Ibirapuera, sendo homenageado pelo município por sua contribuição à cultura popular.

Em dezembro, apresenta recital no SESC Pompéia (SP), ao lado dos gaúchos Zé Gomes e Wanderley Falkenberg, com apoio da Secretaria de Cultura do Estado de SP (Projeto Zumbi).

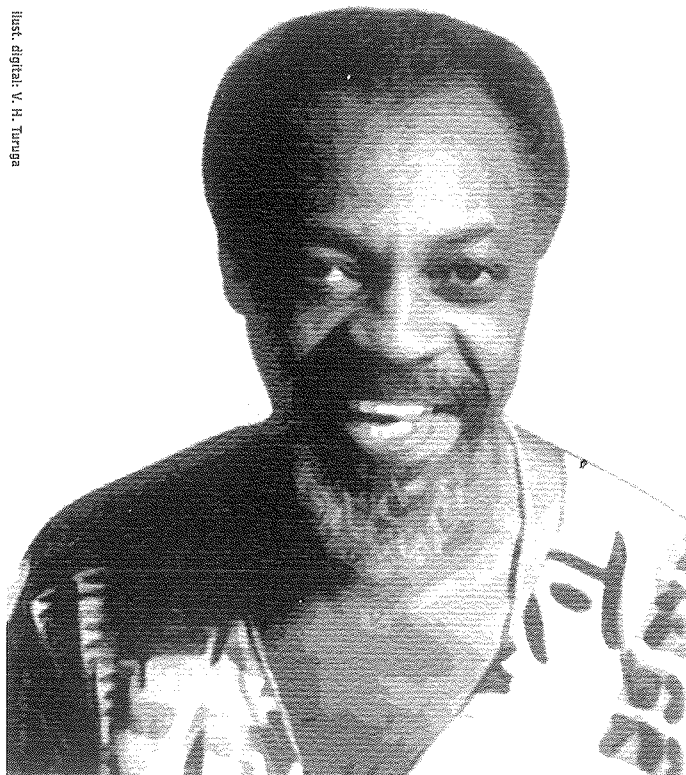
**1986** - Prêmio Criatividade na Ciranda Musical Teuto Rio-Grandense de Taquara, com a composição *Congadas, Quicumbis e Moçambiques*. Apresenta o espetáculo "Luz, um Show de Original Teor", em Porto Alegre.

**1987** - Empossado Conselheiro de Cultura do Estado/RS. Apresenta o show "Nossa Fé", no Teatro Renascença. Em dezembro, integra a delegação que representa o Brasil no V Festival de La Paz.

**1988** - Jurado de vários festivais de música, apresenta-se na I Mostra de Música Popular Latino-Americana, em Pelotas.



Com seu inseparável "sopapo".



**1989** - Preside a Comissão de Cultura do I Congresso Estadual de Cultura. Em junho, apresenta o show "Nunca se Sabe" em Porto Alegre.

**1990** - Vence o Musicanto de Santa Rosa com a canção *Beirando o Rio*.

**1992** - Com apoio da Secretaria Municipal de Cultura de POA, sai o primeiro disco solo de Giba Giba, o LP *Outro Um*, agraciado com o Prêmio Açorianos de Melhor Disco do Ano.

**1993/94** - Um projeto ambicioso: *A Ópera dos Tambores*. Uma interpretação musical do poema Navio Negreiro, de Castro Alves, envolve 35 atores entre músicos (incluindo vários integrantes da bateria da Imperadores do Samba), bailarinos e atores. A direção cênica fica ao encargo de Camilo de Lélis, enquanto o próprio Giba assume a direção musical. O espetáculo é realizado em 93 para a inauguração da Usina do Gasômetro como espaço cultural. Em 94, com apoio do Fumproarte, mais dez edições do espetáculo são realizadas.

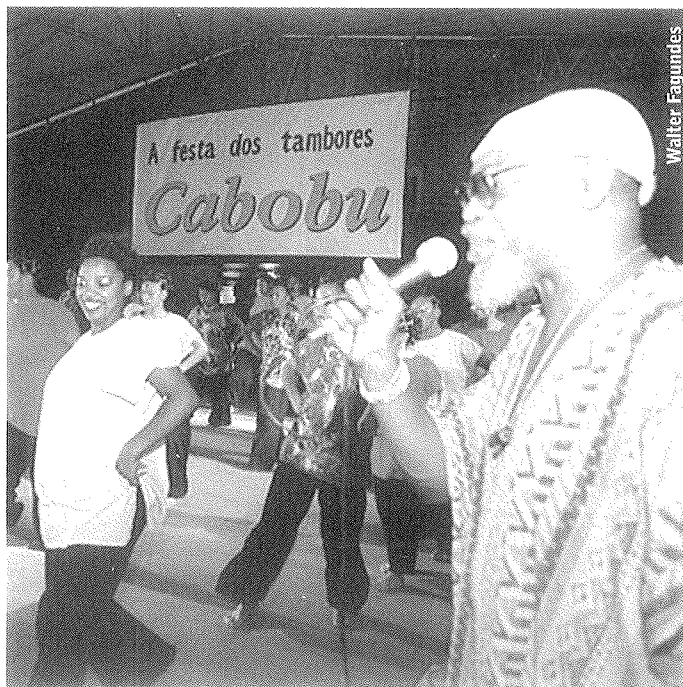
**1996** - Relançado em CD o disco *Outro Um*, acrescido de mais seis faixas. Giba é citado em resenha do "Dicionário Banto do Brasil" (Secretaria de Cultura do RJ) como responsável pela popularização do instrumento de percussão "Sopapo", tambor dos Ganguelas.

**2000** - Compõe *Tema de Milonga* para a trilha do filme "Neto Perde sua Alma", do qual participa também como ator. Cria e realiza o espetáculo multicultural afro-rio-grandense "Cabobu" realizado na cidade de Pelotas com participações especiais de grandes nomes da música regional e nacional. Cabobu é uma palavra formada pelos prefixos dos nomes de Cacaoio, Boto e Bucha, grandes músicos negros da região cujas vidas e obras nunca foram devidamente reconhecidas. Os três já faleceram e não houve um logradouro, rua ou praça, nem qualquer tipo de homenagem a estes artistas representativos da negritude sulista. Esta é a razão do evento criado por Giba Giba.

**2001** - Recebe Moção Especial Congratulatória da Câmara Municipal de Caçapava do Sul, por sua participação no filme "Neto Perde sua Alma". A Escola de Samba Unidos do Fragata o homenageia com o enredo *No toque do tambor Ogum, mandou Giba Giba aqui*.

Estas homenagens somam-se a outras que Giba acumula ao longo da carreira, como os títulos de Cidadão Emérito de Porto Alegre e Medalha Cidade de Porto Alegre, além do Brasão Cidade de Pelotas, entre outros. Consagrado nacionalmente como percussionista e produtor cultural, participou também ativamente da "Missa da Terra sem Males" e da "Missa do Quilombo dos Palmares" a convite de Dom Pedro Cassaldágua e do cantor e compositor Milton Nascimento.

Giba Giba tem larga biografia ligada ao carnaval e, entre várias realizações, desfilou e foi homenageado por escolas de samba como Integração do Areal da Baronesa, Embaixadores do Ritmo, Imperatriz Leopoldina, Imperadores do Samba, Trevo de Ouro, além é claro, da Praiana.



## Depoimentos

Entrevista exclusiva para esse Projeto, em 2001.



Giba Giba com Paulo Moura.

" Antigamente a arte vinha da maneira de ser do povo de cada lugar. Hoje as pessoas já começam determinadas a uma carreira artística, o que é bem diferente de 'ser artista'. O cara se condiciona para ser músico, ator ou qualquer coisa que não é necessariamente da natureza dele. Isso começou quando passou a existir mercado. Tocar e cantar bem é algo que pode ser aprendido, mas ser artista na essência humana é outra coisa e nem depende de escola. Se o camarada tem uma boa organização e lida bem com a burocracia, pode vender 300 mil discos, enquanto que outro que não tem esta vocação, esta disciplina, mas é um grande artista por natureza, não vai conseguir nada. Isso é o mercado. Não tem nada a ver com arte. "

" O Rio Grande do Sul pode até ter algumas diferenças de colonização, mas o espírito de brasilidade que começa com portugueses, africanos e índios, se espalhou por todo o Brasil, inclusive por aqui. Então, se o Rio Grande do Sul tem dificuldades de comunicação com as outras regiões, é justamente porque é menos africanizado.

Hoje quando fazemos o 'Cabobu' e outros eventos desta natureza, é justamente para resgatar esta negritude que está nos faltando. O negro escreveu a página número 1 do trabalho no Brasil."

" O Brasil foi o país mais escravocrata do mundo. A história oficial tenta excluir o negro e as suas realizações. É por isso que me considero atemporal. Eu ainda sou aquele primeiro negro que nasceu na África e veio para cá contra a vontade. Se ajudamos a construir o Brasil, a nossa história tem que ser reconhecida."

" Quando chegaram os primeiros colonizadores em Laguna, os negros já estavam junto. De lá até Rio Grande, os portugueses e os negros se estabeleceram, mas na região de Rio Grande e Pelotas é que se formou a principal colônia africana. O Rio Grande do Sul é oficialmente omissivo nessa parte de sua história. Nunca houve um investimento marcante no resgate das nossas origens africanas, nem dos nossos ritmos e instrumentos. Dizer que o carnaval representa a cultura negra não basta e não é



verdade. Carnaval não tem nada a ver com isso. Na Europa, já existia carnaval antes de existir o Brasil, só que aqui o carnaval é diferente justamente por contribuição do negro."

" O Rio Grande do Sul começa com a colonização luso-africana e isso é omitido da história oficial. Se quando se fala na nossa história, as outras etnias são colocadas em patamares maiores de importância, então é justamente isso que tira um pouco da brasilidade do Rio Grande do Sul. O conjunto do Brasil é formado por várias etnias, mas a que é mais espalhada, que mais trabalhou, que mais contribuiu para a formação do país foi a africana e nós omitimos isso na nossa história oficial. Se tu perguntares para 100 pessoas quem fundou a cidade de São Leopoldo, 99 vão dizer que foram os alemães. Só que eles chegaram 40 anos depois. Quem fundou foram negros. Em 1783 saíram da Fazenda Santa Cruz do Rio de Janeiro vinte casais de negros para ativar a Feitoria do Linho Cânhamo em São Leopoldo. Depois, quando chegaram os alemães, esses negros tiveram que ir embora para a região das charqueadas. Então, não se trata de 'puxar a brasa', é uma questão de corrigir os fatos históricos que estão mal contados. Muitos dos problemas do Rio Grande do Sul, inclusive na música, estão ligados a isso. Essa realidade deveria estar nos currículos escolares. A primeira cidade do estado foi Rio Grande, o início da riqueza foi a charqueada, a primeira capital cultural foi Pelotas; em tudo isso tem a mão do negro, mas a história que se conta na escola não destaca isto."

" A verdadeira razão para que os fatos históricos não sejam registrados e contados nos currículos escolares é que deveria haver um ressarcimento ao negro por quase

500 anos de trabalho sem remuneração. É por isso que eu e nenhum outro negro tem idade; nós todos somos um só desde a África. Se não se esclarecer isso, a história permanecerá fajuta."

" O Rio Grande do Sul está dentro do Brasil. A filosofia, o fundamento cultural brasileiro é de um jeito. Há um impasse: ou ele se 'abrasileira'(sic) ou não. Esse ponto é que temos que resolver. Eu viajo por todo o Brasil e nunca ouvi ninguém falar mal do Rio Grande. Em compensação, nós aqui sempre estamos falando mal deles e, ao mesmo tempo, tentando chegar lá, fazer sucesso no Rio ou em São Paulo. Só nós temos essa preocupação, porque os outros estados têm uma integração cultural natural. Todos eles têm o gen natural comum ao brasileiro. Tudo o que eles fazem com naturalidade, nós fazemos com esforço. O samba, a batida, a descontração é natural em qualquer lugar. Basta começar a batucar e logo têm 300 contigo, não precisa ninguém dizer "vem, vem". Aqui não, nós assistimos de braços cruzados. Não estou dizendo que isso esteja certo ou errado, estou só constatando a diferença. Se nós optarmos por sermos mais parecidos com o argentino ou o uruguaio, vamos respeitar também; se não, vamos reconhecer o equívoco e pronto. Só que aqui no RS, a cultura vem de cima para baixo, partindo das elites; nos outros lugares vem de baixo para cima, das bases populares, e isso talvez faça a diferença. A cultura não deve estar presa à mídia ou ao mercado e sim à alma do povo. No nordeste, as fontes naturais da cultura popular são decodificadas e viram arte; aqui a elite cultural cria as coisas e joga para baixo. Isso não é nada pessoal. É uma constatação sociológica a ser discutida, e se ficar provado que não é verdade, então não é e pronto, só que, até agora, ninguém me provou o contrário."



Giba Giba com autoridades, no encerramento do Cabobu.





# Lugarejo

Giba Giba  
Wanderley Falkenberg

1 E B A E E B  
U MA CI DA DE, PA IS LU GA RE JO U MAI GUAL DA DRUM SOS SE

7 A E A G#13-7 C#m7 E/B  
GOB UM BEI JO NUM CAN TO DO MUN DO PER DI DO, SEM DI NHEI RO

15 A7+ G#13-7 C#m7 A7+ G#13-7  
TU DOÉ TRO CA O VER DEFA BA NA NA EA A GUA DO RIO

21 C#m7 B A7+ G#13-7 C#m7 E  
TRAN QUI LA TEM U MA DEU

30 B A E E B A  
SAE UM FO VO QUÉ RIBI TEM U MA DEU SA EUM FO VO QUÉ RIBI

36 E E Ebm7 Ab13-7 C#m7 E/B A7+ G#13-7  
QUE TO CA, QUE PES CA QUE CA CA, QUE A MA TRA BA LHAE NÃO

44 C#m7 E/B A7+ G#13-7 C#m7 E/B A7+ G#13-7 C#m7 E/B  
CHO RA POR QUE NÃO TEM CAN GA PLAN TA DE DI A

54 A7+ Ab13-7 C#m7 E/B A7+  
CO ME DE NOI TE BA NA NA, PI TAN GA EOS RAI

59 G#13-7 C#m7  
OS DE SOL

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



# Tassy

Giba Giba e Maria Betânia Ferreira

1 *D (PEDAL)*

TES SE A TA A BÀ TIN GA GUY RÁ TA TA

4 *p*

TI BI RA, TI QUEI RA, PA GE M BAE CU A

6

PA RA PO TA RA E YMA MA MOI GUA RA CU

9

NHÀ AS SU BA MA MOI GUA RA MA MOI GUA RA CA TU E Y MA ME NA

13

MA Y BA CA PO RA TES SA E TÁ TI BI RA TI *3*

16

QUEI RA TAS SY TE Ó A BÀ JU CA PI RAA BÀ TIN GA

19

TE CÔ CA TU EY MA TE Ó, TE Ó...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



**Q**ue tarefa árdua definir a importância de um gênio e mestre como Airton Pimentel para a música gaúcha. Valho-me de um grande poeta e amigo para me socorrer nesta empreitada: Sérgio Metz, o saudoso "Jacaré", definiu Pimentel como sendo "o nosso compositor que mais força as fronteiras da música regional em busca de uma sonoridade universalizante". Isto se deve à peculiaridade de suas experiências e, mais do que isso, o que ele produziu e o que faz com elas. Sua maior qualidade é o ecletismo universal de beber em todas as fontes, do folclore ao clássico, sem preconceito e sem se sentir intruso. Nascido em Bagé, adolescente em Cachoeira, quando deu por si estava com um violão nos braços e dele nunca mais se separou. Utilizou sempre a música para trabalhar toda a genialidade de sons, ritmos e figuras poéticas com as quais foi presenteado pelos deuses, além, é claro, de aproveitar isso tudo para fazer a catarse, através da arte, trabalhando temas universais, sem fronteiras.

Airton Pimentel é genial, simplesmente porque fez de todos os percalços que a vida lhe apresentou, dádivas de música, música, música, o tempo todo. Quem convive com ele, concorda: alegre ou triste, muitas vezes doente até, mas sempre com uma força que não se sabe de onde vem; lá está ele cantando, produzindo canções e poesias. Tudo é motivo, tudo é tema para se trazer à vida a canção e o poema. Com um pé no regional (o que atribuo ao fato de ter tido infância rica de elementos poderosos telúricos e folclóricos que se fixaram em seu inconsciente) tornou-se um dos raros artistas populares e cantadores que conheci, capaz de pegar seu violão, sem microfone, e animar platéias de todas as idades. Navega pela música popular e anda sempre de namoro com o erudito, explorando a plasticidade exuberante do pampa gaúcho e brasileiro e a riqueza da flora e fauna de quem é amante devotado. Surpreende qualquer um a versatilidade e o fôlego de sua obra. Desfila com a mesma galhardia por temas diversos, destacando sua pesquisa nos temas afro, algo que começou na década de 80, com o espetáculo "Atabaques e Cuícas no Fandango e Outras Milongas Mais".

Sua importância para a música gaúcha e brasileira, a meu ver, ainda será motivo de estudo daqui a uns cinquenta anos, pela riqueza e grandeza que sua obra encerra. Por ora, arrisco-me a defini-lo como nosso melhor melodista popular que, por sua pureza e autenticidade, deu à música do nosso estado uma dimensão maior, universal e de vanguarda. A imagem que tenho de meu mestre é a de um menino, sempre começando, sempre aberto e atento, um artista engajado politicamente, de partido definido, qualidades que considero essenciais e que formam um gaúcho de verdade.

Esta página é uma colaboração de **Izabel L'Aryan** - Cantora, Compositora e Advogada



## **Cronologia Biográfica : Airton Pimentel Silveira** **Airton Pimentel**

**1938** - Nasce a 17 de outubro, filho de Herondina Pimentel e João Roberto Silveira Filho. Apesar de registrado em Cachoeira do Sul, nasceu em Bagé, onde passa a infância e inicia os estudos fundamentais. Sob influência da avó, gaiteira, com nove anos já cantava músicas de Pedro Raymundo, Luiz Gonzaga, tangos e boleros em rodas de viola na Rádio Cultura de Bagé.

**1952** - Muda-se para Cachoeira do Sul, onde aprende a tocar violão. Torna-se popular entre os colegas do ginásio do Colégio João Neves da Fontoufa e logo, ainda no início da adolescência, assume o programa "Prosa de Galpão", na Rádio Princesa do Jacuí.

**1955** - Convidado pelo prefeito Moacir Roesing para ser o cantor oficial do CTG, torna-se o principal cantor tradicionalista da cidade.

**1960** - Muda-se para Porto Alegre, onde funda o conjunto "Os Araganos" junto com Edu Theodoro Reus (acordeom), Ari Machi e Paulo Pereira (percussão). Vencem o Festival Um Cantor por 1 Milhão (Midas Propaganda) com a música *Lagoa dos Sonhos*. O festival tinha forte apelo popular.

Participam de importantes programas de rádio e TV no Rio de Janeiro. Na volta para o sul, são recebidos como celebridades em todo o interior com piquetes de cavalaria e carreatas, sendo reconhecidos entre os principais artistas do estado.

**1963** - Ingressa por concurso nos quadros da Assembléia Legislativa/RS, onde se aposentaria como diretor de segurança em 1993.

**1965** - Sai, pela Chantecler, o LP *Festa no Galpão*, com "Os Araganos".

**1967** - A Chantecler lança um compacto de "Os Araganos", com *Pára, Pedro* (sucesso de José Mendes) e *Mexericos da Vovó* (Pimentel e Darcy Fagundes). Impulsionados pelo sucesso do original de José Mendes,



**Airton,**  
**aos 16 anos.**



Os Araganos

Ari Machi, Airtón Pimentel, Paulo Pereira e Edu Reus.

"Os Araganos" lançam o LP *Pára, Pedro*, atingindo expressiva vendagem.

1968 - Deixa "Os Araganos", partindo para carreira solo.

1969 - Fica em 2º lugar no I Festival de Música Regional do RS, com *Charqueada*, incluída em compacto pela Copacabana junto com *Manchete de Domingo*. Era seu primeiro disco solo.

Participa do Festival de MPB de Mairiporã (SP) com *Charqueada*. Lá foi detido pelo I Exército para esclarecimentos sobre a letra da música. Apesar de posteriormente liberada, a canção foi prejudicada pela censura no festival.



Airtón e o grupo vencedor da VII Califórnia da Canção Nativa.

1971 - Compõe, ao lado de Paulo Ruschel, a trilha sonora para o filme "Um Certo Capitão Rodrigo", de Anselmo Duarte.

1973 - Compõe a trilha sonora do filme "O Tempo e o Vento", de Anselmo Duarte.

1974 - Grava o LP *Menestrel*, pela Chantecler.

1976 - Lança o LP *Minha Querência* pela Copacabana.

1977 - Vence a VII Califórnia da Canção com a música *Negro da Gaita* (parceria com Gilberto Monteiro), em célebre interpretação de César Passarinho.



Airtón com Brizola e Mário Soares.

1979 - Lança o LP *Gaúcho ao Pé da Letra*, pela Tapeçar.

1983 - Cria o Sicom (Sindicato dos Compositores), sendo eleito seu presidente.

1984 - Vence o I Canto das Águas de Mel (Iraí/RS), com *Chasque para Pedro Munhoz* e a *Seara da Canção* (Carazinho) com a música *Birivas*. O intérprete Rui Biriva teria adotado o pseudônimo em razão da música.

1985 - Vence a Reculuta da Canção Crioula (Guaíba) com *Trono Reiuno*. Assume a Diretoria de Atividades Culturais da Assembléia Legislativa do Estado, onde, entre outras realizações, produz o disco comemorativo dos 150 anos do Poder Legislativo, reunindo vários intérpretes e compositores.

1991 - A música *Negro da Gaita* é eleita a melhor música dos 20 anos da Califórnia da Canção.

Vence o festival O Rio Grande Canta Herval com *Herval Sempre*.



1992 - Recebe a Medalha Lupicínio Rodrigues da Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

Eleito presidente da AGADDAM (Associação Gaúcha de Defesa dos Direitos Autorais Musicais).

1994 - Lança o disco independente *Alegria dos Pampas*. Vence a Coxilha Nativista de Cruz Alta com a canção *Panelinha Encantada*.

1996 - Recebe o título de Cidadão Honorário de Esmeralda, da Câmara de Vereadores local.

1998 - Atua junto ao Sicom para a realização de diversos eventos, como RS Música, Expomúsica/Mercosul e Feira Nacional da Música (Bahia)º.

1999 - Durante o V Encuentro de Municipios del Mercosur, em Entre Rios (Argentina), foi eleito Presidente da Comissão Cultural Permanente do Mercosul, com sede provisória no Sicom/POA.

2000 - Contabiliza mais de 100 músicas gravadas por vários intérpretes. Várias de suas composições estão incorporadas ao cancionário gaúcho, como *Negro da Gaita*, *Missal das Reses*, *Charqueada*, *Festa do Boi Pitanga*, *Birivas*, *Pilchas* e *Rancho da Estrada*, entre outras.

## Depoimentos



" Na época em que comecei a cantar nas rádios de Porto Alegre, conheci Elis Regina. Havia grandes orquestras e excelentes maestros. Elis sempre foi a mais diligente das nossas cantoras, uma profissional de conduta irrepreensível. Não conheci outra igual a ela em todos esses anos que se passaram. Quando ela foi para o Rio, a sua intenção era entrar em um meio profissional que não existia no Rio Grande do Sul (e até hoje não existe). Existe vontade, fê e qualidade, mas isso não atingiu um patamar que possa integrar o RS ao contexto nacional. Digo isso de cadeira, porque estou na profissão desde os anos 50."

" A gente vive no RS uma posição econômica privilegiada em relação ao Brasil. Apesar de todos os problemas, a nossa situação ainda é melhor do que a dos outros estados. Temos um clima definido, com as quatro estações certinhas, dificilmente tem uma seca, por exemplo. Isso gera um certo comodismo nos artistas; é um reflexo da natureza que em nós é pródiga.

Não há uma necessidade de migração obrigatória, como nos estados do nordeste. É difícil uma integração ao país, porque temos realidades geográfica, climática, cultural e histórica bem diferentes."

" Se existem barreiras, somos nós mesmos que criamos. Não propriamente por um gauchismo bairrista, mas apenas pela felicidade que tem o gaúcho de viver em uma terra tão pródiga. Não são apenas os artistas.





*Os gaúchos de qualquer profissão e segmento social têm dificuldades em viver fora do Rio Grande. Sempre vi isso. Quem está longe, por melhor que esteja, sempre sente muita vontade de voltar. É engraçado, mas é verdade. Existem exceções, mas de um modo geral é assim. Eu, pessoalmente, também ajo assim, mas penso que a gente tem que ter uma reação positiva a isso."*

*"A música do sertão nordestino e a do Rio Grande do Sul, em análise geral, são a mesma coisa. Claro que têm diferenças de sotaque e de andamentos, mas têm características muito semelhantes. As diferenças maiores estão no nosso lado mais argentino, quando entra a milonga que é um pouco mais triste, mas eles também têm lá as toadas, que fazem essa linha. Tanto é que o Pedro Raymundo, há mais de 50 anos, entrou com muita facilidade por lá e foi muito reconhecido. Ele fazia uma música com raiz no cancioneiro gaúcho mais puro, com alegria e em tons maiores."*



*"Antes dos festivais e do surgimento do movimento nativista, a música do Rio Grande do Sul era muito bem recebida em outros estados brasileiros, porque tinha elementos de todas as culturas e de todos os continentes. Com os festivais, começou a haver limitações estéticas perigosas. A própria Califórnia proibiu determinados instrumentos e até sotaque castelhano. Isso gerou um policiamento cultural que a gente não tinha. Ao mesmo tempo que surgiam novas propostas musicais, a coisa foi se fechando numa espécie de ditadura estética."*

*Reconheço que o movimento só queria preservar coisas que eram sagradas para a cultura gaúcha, mas a maneira como isso foi feito é que gerou esse distanciamento entre música gaúcha e a música popular brasileira."*

*"Hoje essas coisas estão sendo superadas, porque o próprio movimento tradicionalista sofreu muito com isso tudo. O movimento nativista é mais recente, nasceu no bojo do tradicionalismo e só agora, no início do século 21, é que consegue ter uma visão melhor de si mesmo."*



" Nos anos 60, nós, 'Os Araganos', já éramos antagônicos a certas coisas do movimento tradicionalista. Não só em música, mas até em indumentária; a gente fazia projeções folclóricas. Usávamos trajes portugueses, como a braga, em lugar da bombacha. Isso provocava críticas no RS por parte do movimento tradicionalista."

" O Paixão e o Lessa quiseram criar um universo cultural onde a tradição gaúcha fosse preservada e reverenciada. Isso foi uma coisa historicamente positiva, porque havia uma invasão cultural totalmente agressiva, e eles reagiram a isso com muita convicção e desprendimento.

Depois o movimento tradicionalista estereotipou a figura do gaúcho, e isso gerou um fechamento para novas descobertas. Só valiam, para os tradicionalistas, aqueles elementos que eles cultuavam. Foram muito radicais, e eu sei que nisso o Paixão e o Lessa não tiveram culpa. Eles não queriam isso; outras pessoas, com outros interesses, é que forçaram esses estereótipos em nome da tradição. Nada pode ser policiado. Tudo tem que ser salvaguardado pela liberdade de criação. O trabalho do Lessa e do Paixão foi uma das coisas mais importantes do Brasil e, talvez, do mundo, em defesa de uma cultura regional."

" A América do Sul é um lugar privilegiado, porque, apesar de todo o sofrimento, todos os continentes do mundo trouxeram para cá suas contribuições culturais. Aqui no Rio Grande, mais ainda. É por isso que nós temos que respeitar as nossas tradições e celebrar isso como uma dádiva única em todo o planeta."

" Temos uma cultura regional que merece ser preservada. É claro que temos que discutir, debater e manter essa cultura em movimento para que não se torne obsoleta, mas não podemos permitir que seja destruída, porque é um patrimônio de toda a humanidade.

As línguas podem ser diferentes e se entenderem entre si."



Fotos cedidas por Airtton Pimentel.

Ilustração: V. H. Zanega





## Negro da Gaita

Milonga

Letra: Gilberto Moreira Carvalho

Música: Airton Pimentel

1. MA-TAGSI-LÊN-CIO DOS MATEs A CORDEO-NA VOZ TRO-CA-DA E A MÃO CAMPEIRADO  
 NEGRo PAS-SEAN-DO VE-LU-DA-DA NOS BO-TÕES CHO-RA SE-GREDOS QUE ELE JUNTOU  
 PE-LAS-TAR-DAS. ESTR.: QUANDO NE-GRO ABRESSA GAITA A-BREGLI-VARDA SUA VI-DA MAR-  
 CA-DO DE POEIRA E PAMPA EM CA-DANO-TA SEN-TI-DA, MARCA-DO DE POEIRA E PAMPA EM CA-  
 DA NA-TA SEN-TI-DA.

Mata o silêncio dos mates  
 Acordeona “voz trocada”,  
 E a mão campeira do negro  
 Passeando, aveludada,  
 Nos botões chora segredos  
 Que ele juntou pela estrada.

Quando o pai que foi gaiteiro  
 Desta vida se ausentou.  
 O negro piá, solitário,  
 Tal como pedra rolou.  
 E se fez homem proseando  
 Co’a gaita que o pai deixou.

E a gaita se fez baú  
 Para causos e canções  
 Do negro que passa a vida  
 Mastigando solidões  
 E vai semeando recuerdos  
 Por estradas e galpões.

Estr.: Quando o negro abre essa gaita  
 Abre o livro da sua vida  
 Marcado de poeira e pampa  
 Em cada nota sentida.





## Índice

## Motivo das Capas

|  |       |  |
|--|-------|--|
| 1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *                         | ..... | - Chão de Tijolo                             |
| 2- Os Bertussi/Paulo Ruschel   | ..... | - Chão de Taquaral                           |
| 3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes   | ..... | - Erva Mate                                  |
| 4- Túlio Piva/Luiz Menezes   | ..... | - Tampo de Violão                            |
| 5- Gildo de Freitas/Teixeirinha  | ..... | - Bombacha e Laço de Couro                   |
| 6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes                                   | ..... | - Crina de Cavalo                            |
| 7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja                       | ..... | - Assoalho de Salão de Baile                 |
| 8- Os Poetas (especial) **   | ..... | - Céu de Porto Alegre no Verão               |
| 9- Os Fagundes (especial) **   | ..... | - Fogo de Chão                               |
| 10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")                        | ..... | - Parede de Costaneira                       |
| 11- Geraldo Flach/Bedu   | ..... | - Janelas da Usina do Gazômetro (POA)        |
| 12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **                      | ..... | - Guitarra Elétrica                          |
| 13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino                      | ..... | - Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)          |
| 14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim                                       | ..... | - Escultura Natural em Madeira               |
| 15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges                             | ..... | - Moirão com Arame                           |
| 16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará                                     | ..... | - Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA) |
| 17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro                             | ..... | - Margem do Rio Guaíba (POA)                 |
| 18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **                         | ..... | - Cuias                                      |
| 19- Plauto Cruz/Fogaça   | ..... | - Areia de Beira de Rio                      |
| 20- Noel Guarany/Cenair Maicá  | ..... | - Parede de Taipa                            |
| 21- Bebeto Alves/Vitor Ramil   | ..... | - Campo                                      |
| 22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira   | ..... | - Semáforo                                   |
| 23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto                              | ..... | - Boleadeiras                                |
| 24- Elton Saldanha/Zé Caradípia  | ..... | - Violão e Calçada da Rua da República (POA) |
| 25- Humberto Gessinger/Júlio Reny                                      | ..... | - Interior de Aparelho Valvulado             |
| 26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando                                  | ..... | - Fachada do Theatro São Pedro (POA)         |
| 27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy                               | ..... | - Detalhe de Grafite                         |
| 28- Nenhum de Nós/Papas da Língua                                      | ..... | - Conexão de Rede Elétrica                   |
| 29- A Novíssima Geração (especial) **                                  | ..... | - Sinalização de Asfalto                     |
| 30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) *** | ..... | - Gaita                                      |

\* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

\*\* Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

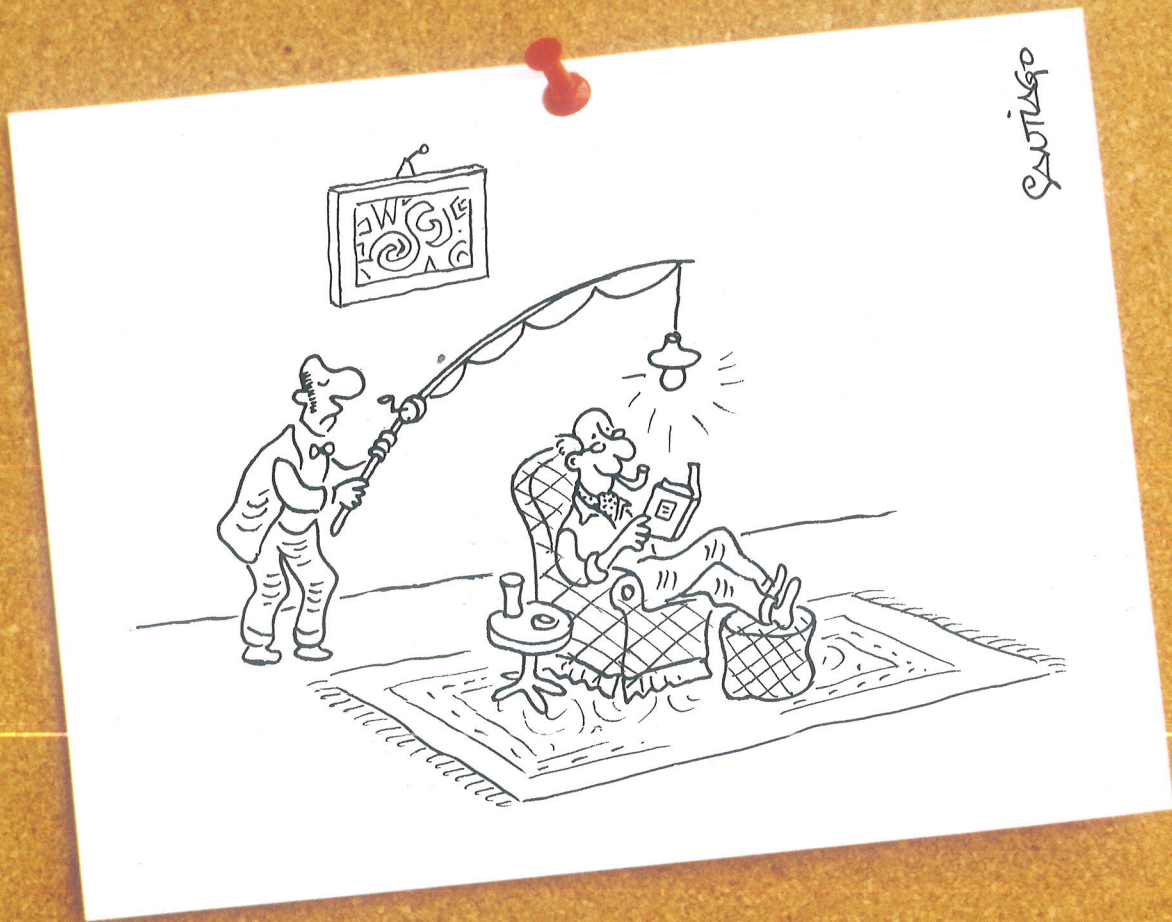
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou poprock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

\*\*\* O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



## Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

**LIC**  
Lei de  
Incentivo  
à Cultura  
Estado do Rio Grande do Sul



[www.cee.com.br](http://www.cee.com.br)



**GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Estado da Participação Popular  
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações  
Secretaria de Estado da Cultura